

A prédica na perspectiva teológica barthiana

*Guilherme Matheus Damasceno*¹

Resumo: Considerando o labor teológico de Karl Barth com relação à práxis homilética, é oportuno indicarmos que na perspectiva barthiana, no exercício da Proclamação da Palavra, Deus serve-se de um ser humano que fala em Seu Nome, transmitindo a Palavra de Deus para a assembleia litúrgica, através de um texto bíblico (BARTH, 1963). Desse modo, a prédica tem um duplo aspecto: É a Palavra de Deus e a palavra do homem em simbiose; cooperando para o propósito da função profética do homilista que anuncia o Evangelho, ou seja, proclama e testemunha à atualidade do Logos, a Palavra de Deus na celebração litúrgica. Investigamos os elementos comuns e distintos da ciência e arte da pregação na concepção teológica barthiana, sua fundamentação bíblico-teológica e histórica para evidenciar como a Proclamação da Palavra está associada à celebração dos Sacramentos na teologia litúrgica dialética. Nesse sentido, por meio da identificação dos conceitos, dos princípios, da elaboração e dos propósitos da prédica cristã na perspectiva da teologia barthiana, analisamos crítica e criativamente a práxis homilética proposta por Karl Barth, através de uma pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: prédica. teologia dialética. Karl Barth.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um estudo da arquitetura teológica e da argumentação homilética desenvolvida por Karl Barth com relação à Proclamação da Palavra, descortinando os fundamentos do discurso teológico barthiano referente à práxis homilética.

Sabe-se que Barth foi o responsável por formular dois aspectos importantes para a prédica: a Palavra de Deus e a palavra humana. Por isso, como delimitação da pesquisa para um melhor desenvolvimento, analisamos as reflexões teológicas, os elementos comuns e distintos da ciência e da arte da pregação na concepção teológica de Barth, sua fundamentação bíblico-teológica, histórica e as bases teóricas subjacentes da teologia dialética. Evidenciando como a Proclamação da Palavra está associada à celebração dos Sacramentos na teologia litúrgica reformada. No conteúdo, exploramos a principal obra de Barth referente ao método homilético desenvolvido e ensinado por ele, trata-se do livro “Proclamação do Evangelho”. Na obra é possível identificar os principais conceitos, as ideias, as diretrizes e o método barthiano para elaboração de uma prédica. Desse modo, expomos detalhadamente, os fundamentos e as características essenciais da prédica na perspectiva barthiana, para posteriormente descrever o método homilético barthiano.

Consideramos que os objetivos da pesquisa foram alcançados, e desejamos que o trabalho possa contribuir, ainda que timidamente, com os estudos da referida temática.

¹ Mestrando em Teologia pela PUC-SP, e-mail: guilherme.m.damasceno@gmail.com

1 PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO: UMA TEORIA HOMILÉTICA BARTHIANA

Como nasceu e é cultivada a fé dos cristãos? O texto bíblico da epístola de Paulo aos Romanos no capítulo 10 versículo 17 aponta que: “Logo, a fé provém da pregação e a pregação se exerce em razão da palavra de Cristo.”². Nessa perspectiva, a prédica é um dos veículos que comunica e testemunha a Revelação para o povo de Deus, de modo que é a Palavra de Deus ao ser proclamada para a comunidade de fé, se estiver em conformidade com as Escrituras.

A apreensão da Proclamação da Palavra pela assembleia litúrgica influi na construção do saber teológico da comunidade de fé, ou seja, as prédicas que são amparadas por uma fundamentação bíblico-teológica, nutrem o Corpo de Cristo conjuntamente com os Sacramentos, e por isso, se faz necessário uma reflexão sobre a atualidade do tema para a eclesiologia protestante.

Uma retrospectiva histórica com relação ao surgimento e o desenvolvimento dos discursos religiosos se tornariam infundável (RAMOS, 2005). Nesse sentido, se faz necessário, delimitarmos o objeto de estudo que será desenvolvido neste capítulo, que é o exercício homilético que ocorre nas celebrações litúrgicas das comunidades de fé, ou seja, a prédica. O teólogo luterano, Nelson Krist, esclarece que a:

Homilética é a ciência que se ocupa com a pregação cristã, e de modo particular, com a prédica proferida no culto, no seio da comunidade reunida. O termo vem da palavra grega HE HOMILIA. O verbo HOMILEIN significa “relacionar-se, conversar”. HE HOMILIA designa, no NT, “o estar juntos, o relacionar-se”, e, nos primeiros séculos da era cristã, o termo passa a ser usado para denominar a prédica (KIRST, 2012, p.7).

No horizonte barthiano o papel da pregação é o de explicar o testemunho dos intermediários da Revelação, os profetas e os apóstolos, que têm suas experiências registradas nas Escrituras Sagradas, fonte de fé que revela a Aliança permanente de Deus com o povo do Israel Bíblico, e posteriormente com a igreja, receptora da Aliança consumada plenamente em Jesus Cristo. (BARTH, 1963).

Isso nos leva a considerar a pregação partindo de um texto. Ela não pode ser senão exclusivamente bíblica, e relaciona-se ao mesmo tempo ao Sacramento e a Palavra dos apóstolos e profetas. (BARTH, 1963, p.15).

Em vista disso, compreendemos que a prédica flui dos textos bíblicos, desde que seja inspirada mutuamente pelos Sacramentos. Portanto, se reconhecermos a dinâmica de correspondência entre a Proclamação da Palavra e os Sacramentos, o Batismo e a Ceia do Senhor, devemos considerar que o lugar legítimo para o exercício da prédica é no culto público

2 Versão da Bíblia de Jerusalém.

oferecido pela igreja, pois Deus determinou que o ser humano pertença ao Corpo de Cristo para ser nutrido, guiado e exortado por sua Palavra.

Barth foi um severo crítico do culto público que privilegia a pregação em detrimento da celebração dos Sacramentos, o pastor suíço considerava que a prédica desvinculada dos Sacramentos se torna liturgicamente insuficiente, defendendo que a celebração da Ceia do Senhor deveria ocorrer em todos os cultos dominicais. (BARTH, 1963).

O sacramento remete ao fato da Revelação, o qual Deus realizou. As Escrituras Sagradas remetem à qualidade da Revelação. É ocioso opor Sacramento à pregação. Eles não podem ser separados, pois são dois aspectos de uma mesma coisa. (BARTH, 1963, p.14).

Em vista disso, nas próximas seções analisaremos detalhadamente, a teoria homilética barthiana exposta no livro: “Proclamação do Evangelho”. Na obra é possível descortinar a arquitetura teológica da teologia da proclamação elaborada por Barth para ministrar um curso sobre “o sermão e o modo de prepará-lo”, conforme informado por ele no prefácio. Através da identificação dos conceitos, dos princípios, e dos propósitos da prédica cristã analisaremos a perspectiva homilética do autor.

1.1 OS FUNDAMENTOS DA PRÉDICA

A incursão que Barth realizou no domínio da teologia prática é fruto de sua preocupação como professor em fornecer sugestões práticas para os pregadores que almejam elaborar bons sermões que atendam tanto às necessidades da comunidade de fé, e que do mesmo modo, permaneçam fiéis ao evangelho e à tradição apostólica.

Inicialmente em sua tese, são expostos dois princípios que norteiam a pregação. O primeiro se refere a (i) vocação pastoral outorgada pela Igreja ao ser humano que obedece ao chamado ministerial que conforma a missão da comunidade de fé ao mundo. O segundo, diz respeito (ii) a ordem que a Igreja recebeu de servir a Palavra de Deus, por meio de um Ministro ou de uma Ministra da Palavra e dos Sacramentos.

Com relação à tarefa que desempenha o preletor, Barth compreende que essencialmente é a do anúncio e exemplificação de um texto bíblico em um discurso no qual o ministro expressa livremente aos seus contemporâneos a Palavra de Deus (BARTH, 1963).

As duas proposições apresentadas são importantes para evidenciar o ato da pregação como Palavra de Deus e palavra humana. Nesse sentido, os preletores que proclamam a Palavra de Deus têm a consciência de que a sua missão no anúncio ocorrerá sempre de modo fragmentado e imperfeito, mas se for realizada corretamente, estará seguro de cumprir o que precisa ser feito (BARTH, 1963). A liberdade criativa do pregador é circunscrita à Palavra de Deus, de acordo com Barth:

Seu discurso é livre, pessoal. Não é nem uma leitura nem uma exege-

se. Ele diz a Palavra que ele entendeu no texto da Escritura tal como ele a recebeu para si mesmo. Sua missão, como pregador, é semelhante – de algum modo – à dos apóstolos. Ele também tem – num outro plano – uma função profética (BARTH, p.4, 1963).

Por isso, o elemento distintivo da pregação, na perspectiva barthiana, é a garantia de que é Deus que proverá uma comunicação eficiente da preleção aos ouvintes, ou seja, não depende do desempenho do ser humano, o preletor não é o responsável pelo entendimento de sua mensagem pela assembleia litúrgica. Nesse sentido, a pregação é um apelo à Igreja, contudo o reconhecimento da vontade soberana de Deus pela comunidade de fé depende exclusivamente da graça divina e o pregador deverá estar ciente disso, e nutrir o desejo de conhecer e indicar a verdade trinitária ao povo de Deus (BARTH, 1963).

1.2 AS CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DA PRÉDICA

As notas essenciais da prédica são inerentes ao carácter que constitui a sua singularidade. Toda coesão da pregação e a autoridade do preletor dependem da sinergia dos eixos que devem ser considerados na elaboração do sermão.

Barth propõe sete princípios que devem nortear o teólogo na formulação de uma prédica, de acordo com o pastor suíço, o preletor deve contemplar os seguintes itens: a pregação deve ser conforme a Revelação; a prédica tem um carácter eclesial; o sermão deve primar pela fidelidade doutrinária; a pregação deve realçar a fidelidade apostólica; o pregador tem que ter consciência do carácter provisório de sua mensagem; a preleção deve ter essencialmente um carácter bíblico; por fim o sermão deve levar em consideração a originalidade, a adaptação e a inspiração de Deus na sua composição para servir bem a comunidade de fé. Esses princípios serão aprofundados nos próximos parágrafos desta seção.

Como consequência prática da conformidade da pregação com a Revelação, Barth defende que não podemos pretender transmitir a verdade de Deus. O sermão não é uma nova Revelação, mas se situa no intervalo da primeira e da segunda vinda de Cristo, ou seja, é ação do sujeito divino que é o objeto e o termo médio que confirma a Revelação de si próprio. Do mesmo modo, o pregador deve buscar apresentar a realidade da Palavra de Deus sem floreios, sendo assim, irá cooperar na irrupção do Reino de Deus. Barth confirma que a pregação eclesial não é qualitativamente diferente da mensagem dos profetas e dos apóstolos, que se situam no momento da revelação histórica cujo documento é a Escritura. O pregador do Evangelho é testemunha da atualidade da Revelação (BARTH, 1963). O autor também sinaliza para necessidade de uma postura humilde do pastor, mesmo que ele seja a voz profética de Deus em sua igreja, pois:

os profetas e os apóstolos estão aí, mesmo se é um simples pastor que fala. Entretanto, devemos ignorar este papel e não nos engrandecer como profetas; se Cristo se digna fazer-se presente por ocasião

da nossa palavra, é precisamente porque há nela um ato do próprio Deus, não de nós (BARTH, p.6, 1963).

Nessa perspectiva, o autor defende o pressuposto de que a boa prédica possui dois polos distintos, mas que são complementares, um é positivo, e tem a função de incluir o anúncio da esperança da redenção, e outro é negativo, responsável pela exortação e denúncia dos pecados. Isso não significa que Barth elaborou uma tese maniqueísta, mas sim que apontou para a necessidade do orador denunciar o pecado sem condenar os ouvintes às opressões cognitivas e espirituais da culpa. A denúncia do pecado deve ser seguida pelo anúncio da esperança da redenção e do perdão, ou seja, a saída do erro deve ser apontada pelas Escrituras Sagradas na pessoa de Jesus Cristo.

É verdade que é preciso falar do pecado e dos erros humanos, mas é preciso fazê-lo mostrando o pecado anulado e o erro destruído. Porque, ou bem é verdade que o homem está perdoado, ou bem ele não tem perdão totalmente. Não se pode falar do pecado senão como sendo levado pelo Cordeiro de Deus (BARTH, p.8, 1963).

Por fim, é oportuno o sentido escatológico da pregação que se situa entre o primeiro e o segundo Advento; é iminente na tradição da prédica cristã a passagem da Epifania para a *Parousia*. Luiz Carlos Ramos ressalta que:

Para Barth, o pregador tem a tarefa de “anunciar a seus contemporâneos o que devem ouvir do próprio Deus, explicando por um discurso, no qual o pregador se expressa livremente, um texto bíblico que lhes afeta pessoalmente”. A práxis homilética é essencialmente dependente de seu contexto histórico-temporal. Por isso, o pregador, ou o teólogo, “deve percorrer um duplo caminho: o do pensamento ascendente e o do pensamento descendente” — este serviço, o pregador o faz mediante o que ele chamou de *Ankündigung*, ou “anúncio de um acontecimento por vir” e *Verkündigung*, ou “anúncio do que está acontecendo” (RAMOS, p.93, 2005).

O caráter eclesial da pregação é ressaltado como um elemento constitutivo da prédica, pois para Barth a igreja autêntica é caracterizada pelo evangelho que é ensinado puramente, e os sacramentos são corretamente administrados pela comunidade de fé. Desse modo, o ministério da Palavra está intimamente ligado com a celebração dos Sacramentos, não é possível uma dissociação, pois os sacramentos acompanham e esclarecem a prédica, já que são os sinais visíveis da graça de Deus (BARTH, 1963); isso ocorre segundo Barth: “Porque o sacramento não é só uma palavra, é um ato material e visivelmente realizado” (BARTH, p.11, 1963).

Portanto, é preciso que reconheçamos a dinâmica de correspondência entre a pregação e os Sacramentos, o batismo e a ceia do Senhor, essa perspectiva implicará na afirmação de que o lugar legítimo para a Proclamação da Palavra é na comunidade de fé.

Barth, considera que na transição da Reforma, a Igreja Católica Apostólica Romana, uma *Eclesia Sacramental*, foi substituída pela Igreja Protestante para uma *Eclesia da Palavra*, desse modo, a pregação se tornou o centro gravitacional da fé evangélica, conduzindo a celebração dos sacramentos para um plano marginal. Em vista disso, o pastor suíço, lembra-nos que Calvino defendia a celebração dominical do sacramento da Ceia do Senhor, e sugere que o protestantismo recupere liturgicamente seu sentido sacramental, sem que isso signifique uma desqualificação do púlpito ou uma apropriação com a teologia litúrgica católica (BARTH, 1963).

Portanto, em sua tese homilética, Barth compreende que o carácter eclesiástico da pregação é assegurado desde que o sermão seja inspirado pelos Sacramentos e permaneça em conformidade com as Escrituras Sagradas. Nesse sentido, a pregação é uma missão e um mandamento do Senhor da Igreja.

A fidelidade doutrinária da pregação, testemunha sobre a submissão que a comunidade de fé tem quando responde uníssona, declamando a Confissão de Fé como uma resposta do ser humano à Palavra que foi proclamada. A profissão de fé resulta da compreensão que a assembleia litúrgica teve do que foi dito pelo orador, ou seja, é uma resposta à Revelação, à Palavra de Deus. Nesse horizonte, a edificação emerge como um elemento que é fruto da escuta da Palavra de Deus, por isso, as doutrinas subjacentes são importantes, elas não são uma elaboração particular do preletor, mas sim, fragmentos da Revelação (BARTH, 1963).

De igual modo, na fidelidade apostólica, Barth explorou uma preciosa ideia sobre a confirmação da apostolicidade da pregação. Enquanto no catolicismo romano, o sucessor apóstolo e vigário de Cristo é o bispo de Roma, o teólogo suíço considera que na medida que o preletor pertence ao Corpo de Cristo, ele é um sucessor apostólico, um vigário de Cristo, pois a Igreja e a Palavra Encarnada são apenas uma unidade, porque conforme Lutero, a: “Palavra de Deus não pode existir sem o povo de Deus” (BARTH, 1963). A discricção do preletor é uma exigência para que ele não ofusque o Evangelho, pois o servo e a serva da Palavra assumem suas vocações diante de Deus, que é o protagonista da História da Salvação. Contudo, em sua tese, Barth recorda que a competência é um requisito bíblico para todos aqueles que desempenham o ofício de pregador, pois a Igreja consciente de sua missão não tolerará qualquer pastor ou pastora que não tenha cultura teológica, e:

O pregador não tem o direito de se remeter preguiçosamente ao Espírito Santo as tarefas de seu cargo. Com toda a modéstia e seriedade, ele deve trabalhar, lutar, para apresentar corretamente a Palavra sabendo perfeitamente que o *recte docere* não pode ser realizado, senão só pelo Espírito Santo (BARTH, p.18, 1963).

O caráter provisório da pregação, se refere a sua anterioridade, ou seja, a procedência dos assuntos que serão abordados na preleção. O ministro é chamado a caminhar na estrada de obediência ao Senhor, e juntar-se à Igreja, que é a serva de Jesus Cristo no mundo (BARTH, 1963).

Sendo assim, os assuntos abordados serão sempre referenciados nas Sagradas Escrituras, que são os registros dos acontecimentos da Obra de Deus no seio de seu povo. Este processo de aproximação do referencial bíblico-teológico, desnuda o ser humano e evidencia a finitude do pregador. Nesse sentido, devemos reconhecer o caráter provisório da pregação, que é um instrumento de edificação e transição rumo à plenitude do Reino de Deus.

Essencialmente, o sermão é uma explicação de um texto bíblico, ou seja, a pregação tem um caráter bíblico. Isso não significa que os aprendizados anteriores e posteriores do ser humano podem ser descartados no processo de transmissão da Palavra de Deus, mas que a preocupação do pregador não deve ser em defender seu sistema de pensamento, sua ideologia ou as ideias que são compatíveis com suas preferências em detrimento do texto bíblico que tematiza a prédica. Em vista disso, Barth propôs cinco implicações para um comportamento que honra o princípio do caráter bíblico da pregação: (a) o preletor deve confiar nas Escrituras; (b) a explicação é sinal do seu respeito à Revelação; (c) quem deseja pregar deve estudar com muita atenção a Bíblia, ou seja, ter zelo exegético, histórico e filosófico no estudo do texto bíblico; (d) o pregador tem o dever de permanecer modesto diante dos textos bíblicos, escutando com atenção o testemunho dos profetas e apóstolos; e por fim, (e) a mobilidade, o preletor deve se apoiar no movimento da Palavra de Deus:

O pregador é chamado a viver uma aventura com a Bíblia, há um intercâmbio contínuo entre ele e a Palavra de Deus. Quando falamos em mobilidade, queremos dizer, ser dócil a esse movimento da Palavra, deixar-se levar através das Escrituras (BARTH, p.25, 1963).

Esses cinco pontos caracterizam a biblicidade da prédica. Toda pretensão personalista é ofuscada quando o sermão se adequa ao parâmetro da autenticidade bíblica, pois a iluminação da Palavra não pertence ao ministro, mas sim ao texto sagrado, que lido e posteriormente proclamado aos corações sedentos pela Palavra de Deus, revela o poder do Evangelho.

O último critério que iremos evidenciar é o da originalidade, da adaptação e da inspiração do sermão. De acordo com a tese barthiana, a pregação é uma palavra atual pela qual o ser humano assume a responsabilidade da linguagem, e pensamento subjacente. O preletor foi atingido primariamente pela Palavra, e levado ao arrependimento diante de Deus, será conduzido corajosamente para dizer aos outros o que isto significa. Contudo, não se trata de uma revelação particular, a exegese do texto bíblico e a meditação se tornarão o testemunho endereçado aos outros (BARTH, 1963). Barth, incentiva a simplicidade e a autenticidade do pregador, lembrando-nos que não é necessário seguir um modelo, imitar o tom de voz ou os comportamentos de outros preletores, a naturalidade compõe o processo de elaboração e transmissão da prédica.

Surpreendente é a atualidade do seu pensamento com relação a necessidade de adaptação do sermão para a comunidade de fé. O tato do pregador para compreender e abarcar as questões relevantes que precisam ser tratadas no púlpito para edificação dos membros da comunidade, sem que isso signifique subserviência e clientelismo, dentre outras características e comportamentos indispensáveis, são apenas algumas das diretrizes em que o teólogo suíço lança luz.

O último desdobramento do ciclo de características essenciais da prédica é a inspiração divina:

[...] não devendo a pregação em definitivo se ocupar senão de Deus, não se pode pregar sem orar, a fim de que as palavras que se pronunciam se tornem apelos de Deus. Além disso a comunidade inteira deve juntar-se a esta oração (BARTH, p.30, 1963).

Essa é a fronteira em que o ser humano se depara, nesse lugar somente o Espírito Santo pode interceder pelos servos e pelas servas de Deus, com gemidos inexprimíveis. Certamente, depende da humildade e da sobriedade com que essas características acima descritas são tratadas pelo preletor, a determinação da relevância e da qualidade da prédica.

1.3 O MÉTODO HOMILÉTICO BARTHIANO

Há diversos métodos homiléticos, não é nosso interesse descrevê-los, mas explicitar o método homilético desenvolvido por Karl Barth como uma contribuição à teologia da proclamação. De acordo com o liturgista Luiz Carlos Ramos:

Quando se trata da prédica, a forma que ela adquirirá é determinada pelo procedimento homilético adotado pelo pregador. O conteúdo de sua mensagem só será comunicado se, de alguma maneira, o homileta puder codificá-lo, isto é, dar-lhe uma forma que explicita a associação significante/significado (RAMOS, p.126, 2005).

Sendo assim, considerando que o esboço e/ou o texto integral da prédica é o produto final do trabalho homilético, e sua alocação ocorre no contexto litúrgico e celebrativo do culto público, buscamos descrever as etapas que precedem a comunicação verbal-oral do sermão.

Como passo inicial, Barth propõe a escolha de um texto bíblico. Ao se colocar diante da perícopa, o preletor fica à disposição de Deus para o obedecer; nesse sentido, em sua perspectiva: “Nós desobedecemos quando imaginamos poder colocar-nos diante da Escritura com nossa liberdade própria e nosso poder autônomo.” (BARTH, p.31, 1963). Outrossim, o texto bíblico não poderá ser escolhido de acordo com a preferência do homileta, a narrativa bíblica precisa ser tratada com reverência, e o preletor deve se submeter às Escrituras Sagradas, sua postura deve ser a de um servo da Palavra.

Algumas recomendações são listadas para facilitar o processo de escolha da perícopes, dentre as quais, não escolher textos curtos, se a pregação é essencialmente uma explicação bíblica, a tentação de optar por pequenos trechos em detrimento do contexto precisa ser vencida. Os textos que aparentam ser fáceis e são constantemente citados, podem ser violentados em seu contexto se privilegiamos frases que isoladamente agradam os ouvintes, mas que apresentam um sentido dissonante do seu propósito original. A alegorização, ou a hermenêutica da individualização pessoal na interpretação das Escrituras Sagradas, impede que a Palavra comunique claramente sua mensagem. Nessa perspectiva, o gênero literário de cada texto bíblico tem de ser respeitado; e para evitar a repetição das passagens bíblicas sugere-se que a igreja siga o calendário litúrgico ou uma série de pregações em torno de um livro bíblico ou tema teológico (BARTH, 1963). Ainda, de acordo com Barth:

No quadro da Igreja não temos que expor princípios cristãos ou outros assuntos deste gênero. O que temos que entender é o que Deus diz à Igreja, o que constitui fundamento e educação. Se desejamos ganhar pessoas ainda estranhas à Igreja (quer se trate de evangelização ou missão) então comecemos por não fugir ao serviço que nos é entregue (BARTH, p.32, 1963).

Por fim, Barth lembra-nos que o pregador não atende as demandas do público, e tão pouco da vontade do seu coração. Por isso, a ênfase não poderá ficar restrita ao calendário eclesialístico da família confessional, mas sim ao que a Palavra de Deus tem a dizer, e da exigência que obedecê-la impõe à quem deseja servir no ministério da Palavra (BARTH, 1963).

Após considerar todos os aspectos supracitados na escolha da perícopes, inicia-se o processo de preparação da prédica. Duas funções se destacam na redação do sermão, (a) a função receptiva e (b) a função espontânea. A escuta do texto bíblico deve ser objetiva em oposição ao subjetivismo, nesse sentido, a função receptiva:

Trata-se de escutar o que está dito no texto. Comecemos pela simples leitura, meditando palavra por palavra. É aí que está a matéria da nossa pregação. Ler o texto, mas no original. Toda tradução é uma fonte secundária e representa já um verdadeiro comentário (BARTH, p.32, 1963).

Na sequência, a análise dos pontos, das ideias e do propósito do texto bíblico são necessárias para o desenvolvimento, para tal recomenda-se a leitura de um comentário bíblico, privilegiando tanto os comentários históricos-críticos e os trabalhos exegéticos de referências pastorais como Calvino, Lutero e Agostinho (BARTH, 1963).

O curso do testemunho e a atualização do texto bíblico sintetizam a função espontânea. Concluindo o trabalho receptivo, podemos concluir que a Bíblia é ao mesmo tempo, um livro histórico e um livro da Igreja. As Escrituras Sagradas são, nessa perspectiva, um

monumento histórico e um documento da Revelação que tem sentido para o ser humano de hoje (BARTH, 1963).

A Bíblia é o único documento da Revelação, mas um documento suficiente. É por isso que nós a chamamos Escritura Santa, a Palavra de Deus que vem até nós. Se se compreende que este livro é realmente o testemunho da Palavra de Deus, parece inútil falar do assunto e do tema do sermão, não há um assunto, senão um tema: A Revelação de Deus, Jesus Cristo (BARTH, p.35, 1963).

Contudo, na perspectiva barthiana, o que figura no texto bíblico não é a Revelação, mas sim o testemunho da Revelação, portanto, “a tarefa do pregador consiste em fazer entender esse testemunho dado pelo texto” (BARTH, p.35, 1963).

Os dogmas podem ser as balizas pelas quais o caminho será indicado para que o preletor seja fiel a mensagem evangélica, mas sem a necessidade de ser repetitivo. A Bíblia contém um precioso tesouro narrativo, cabe ao intérprete se esforçar para extrair suas riquezas.

Por conseguinte, Barth defende a redação integral da prédica, pois sua sacralidade exige a responsabilidade do preletor justificar palavra por palavra do sermão em um ato sacrificial de preparo e consagração para o ato de Proclamação do Evangelho.

O esquema homilético indicado para redação do texto inclui a introdução, a unidade e a conclusão da pregação. Com relação a introdução, é importante que seja bíblica, pois as pessoas se dirigem para igreja desejando entender a Palavra de Deus. Por mais que citações de importantes autores cristãos e/ou intelectuais sejam importantes, cabe a avaliação se o texto bíblico precisa ser creditado por esses pensadores, na opinião de Barth, não é necessário. Desse modo, a introdução não deve ser negativa, apontando os erros e pecados da congregação. Na teologia reformada há uma clara orientação de que a ligação entre Deus e o ser humano é um milagre que procede do Alto, ou seja, se a Bíblia falar desde o começo, o arrependimento e a exortação serão operadas pelo próprio Cristo (BARTH, 1963).

O texto da pregação não deve ser tecido de modo fragmentado, a unidade é essencial, uma vez que o texto bíblico que inspirou a redação da prédica é uma unidade literária. Em vista disso, pode-se excluir o arranjo premeditado de contextos paralelos que supostamente são necessários para embasar o tema e a mensagem. É claro que para uma organização textual é necessário destacar as partes do sermão, mas isso faz parte do processo de construção de uma unidade que tenha coesão. Nesse horizonte, ao ler a história bíblica completa da perícope, podemos testemunhar o que a Palavra de Deus diz, e não fabricar o seu conteúdo por nossa engenhosidade (BARTH, 1963).

Por fim, a prédica não precisa ter obrigatoriamente uma conclusão, podemos nos contentar com a mensagem do texto bíblico. Há uma pressão para que o preletor conclua com a aplicação, contudo, Barth observa que é honesto terminar a pregação reconhecendo

a fraqueza do ser humano e a esperança da consolação, desafiando a comunidade de fé para testemunhar com a ajuda de Deus o Evangelho (BARTH, 1963).

CONCLUSÃO

Não há uma homilética homogênea, as definições, os princípios e os métodos da arte sacra que fundamentam a teologia da proclamação são plurais, nesse sentido, o que temos são homiléticas, que ao longo do desenvolvimento do pensamento cristão, demonstraram respeito pelas especificidades do seu lugar, contexto e tempo histórico (RAMOS, 2005). Como defende Luiz Carlos Ramos: “Em cada época, o discurso religioso procurou cumprir seu papel da maneira que julgava ser a mais adequada, influenciando e sendo influenciado por seu tempo” (RAMOS, p.93, 2005).

Desse modo, não há uma definição única para a homilética. Contudo a especificidade de uma perspectiva reformada reivindica uma base epistêmica que seja profissional, apolo-gética e iluminada pela teologia cristã de herança reformada. Acreditamos que a perspectiva teológica barthiana é uma alternativa que descortina horizontes de qualificação e atualização da mensagem evangélica nos púlpitos reformados, pois a teoria homilética desenvolvida por Karl Barth é dialética, ou seja, ao passo que valoriza a rica herança reformada, também permanece aberta para as perguntas que são realizadas pela assembleia litúrgica. Conforme Luiz Carlos Ramos: “[...] a homilética, em lugar de se ocupar da oratória, deveria se ocupar de um tipo de escutatória, para que a prédica possa ser transformada pela cumplicidade com a experiência (o “pecado”) da comunidade para qual é pregada” (RAMOS, p.94, 2005).

Ao enfatizar que a Igreja é una, santa, católica e apostólica, Barth desenvolveu a noção de “*ecclesia docens*” e “*ecclesia audiens*”, ou seja, a igreja que ensina e também a igreja que escuta, e portanto, há critérios que legitimam a pregação, mesmo que sejam reconhecida-mente processos humanos, são formas legítimas de reconhecimento da função e vocação do pregador, uma vez que o preletor deve se submeter à fidelidade doutrinária da Igreja, e sua mensagem tem que expressar o que a tradição cristã crê e professa (SANTANA, 2007). Ainda de acordo com Manoel Bernardino Santana Filho:

Isto significa que o trabalho do pregador é antes de mais nada recordar o que foi ensinado pela Igreja desde os primórdios. Pregar é, de certa forma, recordar o que em certo tempo Jesus disse e realizou. A pregação deve estar ligada diretamente à memória da Igreja (SANTANA, pp.70-71, 2007).

Por esse motivo, consideramos que o produto homilético, a prédica, é uma peça oratória sacra que, a partir da leitura e interpretação de um texto bíblico, interpreta o passado, elucida o presente e desafia a comunidade de fé para vislumbrar o futuro (RAMOS, 2005).

A memória dos testemunhos proféticos e apostólicos das Escrituras, bem como a recordação da história da salvação cujo apogeu se encontra nos Evangelhos que narram à vida e

o ministério de Jesus, conduz o preletor a presença de Deus; presença que pode ser celebrada por todos os cristãos que acolhem a Palavra proclamada, e respondem a prédica com os seus corações cheios de esperança, pois essa Palavra encarnada, escrita e proclamada permanece sendo a memória, a presença e a esperança da vinda do Senhor, Jesus Cristo, o Filho de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, Karl. **A proclamação do evangelho**. Tradução de Eduardo Galasso de Faria e Moysés Campos Aguiar Netto. São Paulo: Editora Novo Século, 1963.

KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. 3 ed. São Leopoldo: Iepg; Sinodal, 1996.

RAMOS, Luiz Carlos. **A pregação na idade média: os desafios da sociedade do espetáculo para a prática homilética contemporânea**. Tese (Doutorado)– Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião. São Bernardo do Campo, 2005.

SANTANA Filho, Manoel Bernardino de. **Palavra de Deus e ação profética na teologia de Karl Barth: a renovação da Igreja a partir de sua vocação para o serviço à comunidade**. Orientadora: Ana Maria Tepedino. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.